

GÊASÚ E USÚ NA DIACRONIA DAS LÍNGUAS E DIALETOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

AVISO PRELIMINAR

Nos estudos dedicados à morfologia das línguas e dialetos tupi-guaranis assumem posição de relêvo as palavras e partículas que conferem aos nomes as diversas gradações.

Dos nomes compostos merecem atenção primordial, pelo valor singular no domínio da diacronia, aqueles em que o aumentativo ou o superlativo é indicado por meio de *gêasú*, *usú*, *asú* e variações.

As nossas indagações comparativas na matéria deixaram-nos, de há muito, a convicção de estar a integridade das formas *gêasú* e *usú* com a correção do seu emprêgo segundo os cânones do tupi, frisamos, *do tupi*, em razão direta do aconchego das respectivas línguas e dialetos ao tronco arcaico.

Em tais apreciações é, porém, indispensável aquilatar corretamente o crédito que merece o informante. Eis porque circunscrevemos as nossas verificações às fontes primárias mais fidedignas das línguas *tupi* e *guarani*; dos dialetos *tupinanmbás* da Guanabara e do Maranhão; do *brasiliano*, nome que vimos dando à *língua-geral do Norte* de começos do Setecentos; do *nheengatu*; do *guaraio* e *sirionó* modernos da Bolívia, consignando ainda as devidas reservas para com os responsáveis pelo material colhido em condições precárias e autores de vocabulários e gramáticas elaboradas em tempos recentes sem a necessária visão retrospectiva.

O trabalho que segue, circunscrito a um setor estreito, apresenta pesquisas e análises complementares a capítulos do nosso livro *Estudos Tupis*

e *Tupis-Guaranis*, elucida algumas dúvidas comuns e retifica certas idéias errôneas de curso ainda franco a respeito de questões da lingüística tupi-guarani e dos seus reflexos no campo dos tupinismos.

Soma apreciável de observações indispensáveis à boa compreensão foi relegada às notas, a fim de não prejudicar o fio da exposição. É nelas que se acha concentrado o principal do valor, que, por ventura, queiram dar ao nosso estudo os dedicados a tais assuntos.

OBSERVAÇÕES SOBRE A GRAFIA DAS PALAVRAS INDÍGENAS

Os vocábulos graves não levam acento.

Levam acento agudo:

1. Tôdas as palavras oxítonas terminadas em vogal, com exceção das vogais tiladas e do *y*.

2. As palavras e os complexos vocabulares proparoxítonos.

O acento grave indica a sílaba subtônica.

Não levam acento as palavras terminadas em consoante, *y* e vogal tilada, que no *tupi* e no *guarani* são sempre oxítonas.

O acento circunflexo reduz o *i* e o *u* a semivogais.

Os caracteres *i* e *û* são semivogais.

Nh tem o mesmo valor que no português.

S tem o valor de *ss*.

Y representa o *i* gutural tupi-guarani.

Dj representa o valor fonêmico do *y* nos autores do guarani antigo.

Di corresponde à pronúncia do *y* nos compêndios guaraios citados.

Ds representa o valor fonêmico do *z* nos mesmos compêndios guaraios.

H é claramente aspirado e

R é invariavelmente brando.

ë representa o *y* tupi atônico.

I

GŪASŪ E USŪ NO TUPI E NO GUARANI ANTIGOS

Da exposição algo extensa a que nos levaram alhures o termo *atara* e os seus correspondentes *atasara* no brasileiro e *atahara* no guarani, resalta nitidamente um fato notável:

É quase absoluta a concordância do tupi e do guarani no emprego das formas *usú* e *guasú*, ainda que as divergências mórficas imponham formulação diferente às regras que o regem nas duas línguas (1).

Eis, como se enunciam no guarani:

- 1.^a — *Gwasú* emprega-se com verbos e nomes invariavelmente terminados em vogal tônica.
- 2.^a — Os paroxítonos, e, os oxítonos que têm ou admitem consoantes finais de composição, além da observância das regras eufônicas peculiares ao guarani, exigem *usú*.

Citemos alguns exemplos ilustrativos:

Y	— água, rio;
ygúasú	— rio grande;
abá	— homem, pessoa;
abágúasú	— homem feito;
pó	— fio, fibra; grossura;
mbopogúasú	— engrossar (fio, corda, etc.);
og	— casa;
ogusú	— casa grande;
okē, okena	— porta;
okendusú (2)	— porta grande, portão;
ybytī	— neblina, nevoeiro;
ybytīngusú	— nevoeiro grosso;
mboī	— cobra;
mboīdjusú (3)	— cobra grande;
u, (ur)	— vir;
urusú	— virem muitos.

A estas duas regras do guarani corresponde no tupi a seguinte:

(1) Para compreender melhor certas decorrências inevitáveis da apócope guarani, compare o capítulo 5, parte III, do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: Do sufixo agente «ara», «sara» nas línguas tupi-guaranis*.

(2) e (3) Os fonemas consonantais de ligação são arcaicos; eles aparecem puros, como em *urusú* e *ogusú*, ou modificados por um elemento paragógico segundo as exigências locais da eufonia, como vemos em *okendusú*. O í átomo final exige no guarani a intercalação de *y* (= *dj*) quando, como no exemplo *topehydjusú*, vem precedido de vogal, segundo Restivo. (*Arte*; pp. 19 e 20).

Os nomes e verbos monossilábicos e oxítonos (4) pedem *gûasú*; nos paroxítonos substitui-se a vogal final por *usú*.

A mesma lista de exemplos, agora em tupi, confirmará a exatidão e correspondência das regras. Excepcionalmente unimos as palavras compostas:

Y	— água, rio; úmido;
y <i>gûasú</i>	— rio grande; muito úmido;
abá	— homem, pessoa, índio;
abà <i>gûasú</i>	— homem feito;
pó	— fio, fibra; grossura;
mopò <i>gûasú</i>	— engrossar (fio, cordão, etc.);
oka	— casa;
okusú	— casa grande;
okena	— porta;
oken(d) <i>usú</i>	— porta larga, portão;
ybytinga	— neblina, nevoeiro;
ybytingusú	— nevoeiro grosso;
mboia	— cobra;
mboiusú	— cobra grande;
ura	— vir;
urusú	— virem muitos.

Nestes exemplos escolhemos adrede palavras morficamente idênticas ou aproximadas. Mas, nem sempre as desinências se cobrem nas formas tupis e guaranis, mesmo na parte consonantal, de suma valia no assunto que nos ocupa. Tais diferenças estruturais às vezes são definitivas; não alteram então as regras, mas *gûasú* e *usú* a elas se ajustam.

Vejam-lo nos dois exemplos divergentes: *angaipàgûasú* e *djekuakû-gûasú*, que no vocabulário de Restivo, pela apócope definitiva da desinência *b(a)*, correspondem às formas tupis *angaipabusú* e *iekuakubusú*, etimologicamente mais corretas, segundo o próprio testemunho de Montoya (5).

Seria fácil aduzir tôda uma série de vocábulos de tendências iguais. *Pente* no tupi é *kygûaba*, cujo aumentativo é *kygûab-usú*. Os seus correspondentes guaranis são *kygûá* e *kygûá-gûasú*.

Ao tupi *iararaka* — *jararaca* corresponde no guarani *djarará*, formas que condicionam, respectivamente, *iararak-usú* e *djarará-gûasú*.

(4) São todos terminados em vogal. Quando falamos em verbos, referimo-nos às formas do Infinitivo. O citar verbos numa forma que, em tupi, só existe acompanhada de pronome, é uma prática indefensável. Compare a esse respeito o capítulo. «Digressão em torno das formas nominais», do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*.

(5) Veja no vocabulário de Restivo, nos verbetes *pecado* — *angaipá* e *ayunar* — *yecoacú*, os termos correspondentes a *pecado mortal* e *quaresma*. Ambas as palavras ainda aparecem no *Tesoro*, de Montoya, nas formas *angaipab* e *yecoacub*; mas, para o aumentativo desta última já nele se usam indistintamente *gûasú* e *usú*, sinal evidente de que a forma mais arcaica, a tupi, lá sendo deslembada.

Ambos êstes aumentativos guaranis provam que o seu positivo já se havia definitivamente apocopado.

Há exemplos inversos.

Roça é *ko* em tupi e *kog* no guarani. Para *galho* encontramos *sakã* no tupi e *takang* no guarani. De acôrdo com as regras, os aumentativos terão, assim, que divergir necessariamente, exigindo *gŭasú* no tupi: *kogŭasú* e *sakãgŭasú*, enquanto os seus correspondentes guaranis são *kogusú* e *takangusú*. Ainda aqui as divergências confirmam as regras.

Casos há, porém, no guarani, em que as apóopes mais ou menos definitivas em algumas províncias lingüísticas estabeleceram divergências entre os próprios mestres, que viveram em épocas ou regiões afastadas entre si. De *ybypé* (em tupi *ybypeba*) — *terra plana*, Montoya formou corretamente o aumentativo *ybypebusú* — *planície*, enquanto Restivo, guiando-se talvez por praxes locais errôneas, registrou *ybypêrusú*.

A forma *rusú*, que aí aparece, é fruto exclusivo de interpretação errônea, como ainda se pode ver no têrmo *ygaratarusú*.

Nem Montoya, nem Restivo souberam dar a verdadeira etimologia dêste composto, que só se revela pelos étimos tupis: *ygara* + *atara* + *usú* e que, de acôrdo com os ditames da morfologia, se ajustam harmoniosamente pela apócope nos dois primeiros elementos, formando *ygaratarusú* — *grande embarcação andeja* (isto é: sem ajuda de remos) = *nav.*, *galeão*. Os dois mestres jesuítas desconheciam o velho têrmo *atara*, que no guarani havia evoluído para *atahara*, e, assim, não atinando com a verdadeira composição, recorreram ao verbo/adjetivo (6) *atá* — *andar*, *andante* e à forma indispensável, mas suposta, *rusú*. Obtiveram dessa maneira quase o mesmo sentido, mas com étimos falsos (7). Entretanto, Restivo só admitiu a forma *rusú* no seu Vocabulário, publicado em 1722, embora elaborado com a indispensável antecedência. Alertado por estudos mais aprofundados, ou por quem conhecia melhor a matéria, excluiu mais tarde *rusú* da sua Arte, de 1724 (8).

Também se notam influências analógicas como estas que ocorrem no superlativo de *anã* — *grosso*, *espêssso* (coisas), *grosseiro*, *bruto* (gente), cujo correspondente tupi *anama* apenas se usa no primeiro sentido. Montoya traz dêle o superlativo *anangusú*, enquanto Restivo tem corretamente *anambusú* (9). Entretanto, para *grosseiro*, *bruto*, aplicado a gente, Restivo também registra *anangusú*, que deve ter surgido por influência de *anhanga*, *anhangusú* — *diabo*, ou de qualquer outra forma paronímica, usada na sua região.

Mínima é, porém, a importância dessas raras divergências, quando comparadas com a esmagadora preponderância das formas regulares, principal-

(6) Veja o § VIII, do nosso livro *O Caráter da Segunda Conjugação Tupi*.

(7) Montoya — *Tesoro*; verbete *ygaratá*, ff. 173 v. e 174, onde, ao lado de *ygaratá rusú*, vem também registrado *ygaratá gŭasú*.

Restivo, no seu Vocabulário, só traz *ygaratá rusú*, mal separado, como vemos.

(8) *Arte*; pp. 19 e 20.

mente se considerarmos que algumas delas podem ter sido criadas pelos gramáticos. A constância das regras de *gûasû* e *usû* é tão impressionante no tupi e no guarani, a despeito das múltiplas diferenças mórnicas dos dois dialetos, que nos insinuou a idéia de aquilatarmos aqui os diversos outros ramos da família, segundo as modificações que nêles sofreram as formas *gûasû* e *usû* e as alterações que se operaram nas regras do seu uso.

O resultado parece confirmar a nossa impressão de longa data: a de os dialetos afins se afastarem dos padrões básicos da língua tupi-guarani, a matriz hipotética da família lingüística dêste nome, em escala mais ou menos proporcional às modificações sofridas por *gûasû* e *usû*, tanto na forma, como na sua aplicação. Os capítulos que se seguem não falam apenas a favor da nossa opinião, mas ainda mostram o caminho que nos levou a êsse reconhecimento.

Em resumo, a diversificação das formas, *gûasû* e *usû*, em direção ao sudoeste é tão expressiva quanto a sua unidade primitiva quase absoluta ao longo da costa atlântica. Temos nelas mais um dos variadíssimos meandros, que, no correr dos séculos, levam à caracterização dos dialetos.

I.

GÛASÛ, USÛ, ASÛ EM JOÃO STADEN

Passando dos primeiros lingüistas das colônias espanhola e portuguesa aos visitantes que nos transmitiram algum subsídio para estudos comparativos dos dialetos tupi-guaranis, devemos antes do mais tomar em conta o seu preparo literário, a sua permanência entre os índios e outras circunstâncias que possam ter contribuído para secundar as suas afirmativas.

O que no particular se nos afigura, desde logo, em condições mais precárias é, sem dúvida, João Staden. Observador inteligente, de algumas letras, porém, contando apenas consigo mesmo entre os índios hostis e, depois de voltar, com a sua memória, pois nenhuma nota poderia ter tomado durante o seu cativeiro, as minudências fonéticas dos vocábulos por êle transmitidos só merecem fé, quando abonadas por autoridades mais qualificadas. Aliás, é principalmente através de comparações que se afirmam todos os visitantes antigos.

Para o capítulo que nos ocupa, o emprêgo de *gûasû/usû*, Staden contribui com uma dúzia redonda de compostos. As formas, que o qualificativo tomou em seu livro, são *ûasû* e *asû* (10), que diferem relativamente pouco das formas tradicionais *gûasû* e *usû*. Na primeira falta o *g* inicial, fonema muito mais suave na combinação *gû* do que em certas línguas neolatinas,

(9) A forma tupi é *anamusû*, porque, em divergência com o guarani, o tupi dispensa o *b* em tais compostos com *usû*. Também em outros casos o *m* tupi corresponde a *mb* do guarani.

(10) Grafados *wasu*, *wassu* e *asu* na edição original.

pois é, não raro, quase inaudível para ouvidos pouco afeitos à fonação indígena e por isso muitas vezes ignorado por autores que não chegaram a dominar perfeitamente o respectivo dialeto tupi (11).

Isso não exclui a possibilidade de existirem dialetos modernos, onde o fonema duplo *gû* esteja reduzido a *û*, como no *nheengatu*.

Asû por *usû* implica outra inexatidão, aliás compreensível, quando comparada com estropiamentos, que chegam a deixar irreconhecíveis umas tantas palavras.

Ressaltadas essas divergências, Staden enquadra-se automaticamente nas regras tupis, empregando *ûasû* (= *gûasû*) com palavras oxítonas e *asû* (= *usû*) com paroxítonas, exceto, à primeira vista, em dois casos:

Uratinge Wasu — (gûyrating usû) — ave grande branca (12) e
Boywassu — (boîusû) — cobra grande (13).

Gûyrá-tinga é *garça branca* em tupi, e, como *tinga* é paroxítono, exige *usû* na formação do aumentativo. Portanto, *gûyrating-usû* é a forma correta para traduzir *ave branca grande* ou *garça branca grande* (Herodias egretta). Era o nome de um tubixaba (14).

Não sendo, pois, admissível a forma *wasu*, que Staden emprega depois de *tinge* (= *tinga*), vocábulo indubitavelmente paroxítono, a memória o deve ter traído.

Quanto a *Boywassu* (15), o caso muda de figura. Não havendo dúvida que o aumentativo de *Mboia* seja *mboîusû*, êsse *wassu* de Staden nos causou espécie, induzindo-nos a um exame mais detido dêste termo.

Efetivamente, Marcgrave também registra a forma *boi guacu* (16) e essa coincidência em paragens tão distantes dá que pensar, tanto mais quanto Staden não nos indica o significado. Felizmente, Marcgrave não se limita à tradução, mas acrescenta uma informação de grande valia:

Boi guacu — termo indígena
cobra-de-veado — termo português

O que surpreende nesta informação é a tradução portuguesa divergente de uma palavra tupi tão corrente como *gûasû*. Mas, justamente nesta denominação está a chave do problema.

(11) Afirmação baseada não apenas nos tratados jesuítas, mas verificada entre índios guaranis modernos.

(12) Cap. 22, p. 70, da edição da Academia Brasileira. T. Sampalo, que nunca se familiarizou com as regras de *gûasû/usû*, escreve *uiratinga uaçu*, sem ressalva alguma.

(13) Cap. 41; p. 105, da mesma edição.

(14) Não é muito provável que o nome provenha da gaivota, em tupi *atingasû*, a despeito da semelhança dos termos. Também nesta palavra *wasu* não teria cabimento.

(15) Ocorre no topônimo *Boywassukange*, isto é, *Mboi-gûasû-kanga* — esqueleto de boiguaçu.

(16) Marcgrave, Jorge — *História Natural do Brasil*; São Paulo, 1942; pp. 239 e LXXXIV, nota 711. — Os textos latinos não têm cedilha.

Veado em tupi é *sygûasú*, que no guarani aparece como genérico na forma contrata de *gûasú* (!). Esta acepção só se encontra em dialetos tupis no termo *mboi-gûasú*, mesmo assim apenas registrado por Marcgrave, e, com um pormenor interessante: o exemplar que êle descreve havia, pouco antes, engolido uma cabra! Paulo Sawaya, o comentarista dessa secção de Marcgrave, pensa que talvez se trate da *sucuri(iuba)*. Da mesma opinião é Ihering (17), que, pelo menos em certas regiões, encontrou a *cobra-de-veado* identificada com a *sucuri*, "que vive na água, onde apanha os *veadinhos*, quando êstes vêm beber."

Para sermos exato, fique dito entre parênteses, que a tradução literal de *mboi-gûasú* não é *cobra-de-veado*, mas *cobra-veado*.

Esta acepção de *gûasú*, esporádica no tupi, era desconhecida a Marcgrave e a outros, como Eckart. Compreende-se, assim perfeitamente, que, sem maior exame, os autores traduzam *gûasú* por *grande*, quando se considera que a *mboi-gûasú* ou *sucuri* (*sucuriú*, *sucurijú*, *sucuriúba*) é a maior das nossas serpentes (18).

Eliminada desta forma a palavra *Boywassu* do rol dos aumentativos em *wasu*, consignados por Staden, *Uratinge wasu* é o único mal composto dentre os sete similares.

Se, por outro lado, Staden menciona regularmente *asú*, onde outros têm *usú*, revela-se novamente observador meticoloso, embora com outra falha de percepção, mas ainda relativamente insignificante, quando comparada, por exemplo, com *Itenge ehni*, que é como designa a localidade de *Ita-nhaẽ* (19).

Damos a seguir a lista dos doze aumentativos, devidamente restaurados e traduzidos.

Grafia de Staden	Grafia fonêmica	Tradução
ippaun wasu	— ypaũ-gûasú	— ilha grande (20);
ipperu wasu	— Yperũ-gûasú	— tubarão grande (21);
jeppip wasu	— nhaẽpepõ-gûasú	— panela grande, tacho (22);
uratinge wassu	— gũyrãting-usú	— grande garça branca;
wittu wasu	— ybytũ-gûasú	— tempestade (23);
ywawa supe	— ykũã-gûasú pe	— na enseada grande, na baía; no poço grande (24);
amanasu	— aman-usú	— aguaceiro, temporal com bategas d'água (25);

(17) Ihering, Rodolfo von — *Dicionário dos Animais do Brasil*; S. Paulo, 1940; p. 268.

(18) Idem; *Ibidem*; pp. 738-740.

(19) Cap. XIII, p. 52.

(20) Parte I, cap. 40, na ilustração. Para melhor distinção separamos aqui em nossa grafia as formas *gûasú*, *usú* e *asú* por hifen.

(21) Cap. 22, p. 68.

(22) *Ibidem*; cap. 22 e 33; pp. 68 e 84. — Neste caso tão interessante, a costureira perspicácia de T. Sampaio falhou. *Nhaẽpepõ-gûasú* — *Tacho-grande*, tinha um irmão, *Alkindar-miri* — *Pequeno-alguidar*. Pelos nomes constituíam, pois, *mela* *bateria* de cozinha.

(23) Parte I, cap. 36.

(24) *Ibidem*; cap. 14.

(25) Parte I, cap. 20, p. 66.

garasu	— Ygar-usú	— navio (26);
occarasu	— okar-usú	— terreiro grande (27);
sowarasu	— sogŭer-usú	— fólha grande caída (28);
tackwara su	— takŭar-usú	— taquaruçu (29);
taygasu	— tai-asú	— porco do mato (30).

III

AS FORMAS GŪASŪ, USŪ E ASŪ NOS RELATOS DE THEVET

A identificação dos termos tupis nas obras de Thevet é dificultada por dois fatores: a falta de definição e a grafia desordenada. Além disso enfileiram-se nelas numerosos termos geográficos, cuja localização é tentame por demais afoito com os dados baralhados, que nos submete, certamente

(26) Parte I, cap. 3. — A tradução literal é *canoa grande*, nome que no tupi foi aplicado aos navios em geral. Aqui é o nome de uma das primeiras povoações portuguesas estabelecidas em Pernambuco, por Duarte Coelho. Flxou-se a pronúncia incorreta dos colonos, de língua-geral, *Igaraçu*, em lugar de *Igaruçu*, que é a forma correta no tupi, consignada no verbete *navio*, do *Vib. dos jesuítas*.

(27) *Ibidem*; cap. 43, p. 109 e cap. 20, na ilustração da p. 65.

(28) *Ibidem*; cap. 51, p. 118. — Staden não dá o sentido do termo, deixando os intérpretes no escuro. Teodoro Sampaio traduz a palavra por *grande comedor de caça*, que seria admissível, se Léry não referisse o mesmo *tubixaba*, interpretando-lhe o nome por *fólha caída de uma árvore*, aliás, *grande fólha caída*. Batista Caetano, fiado nesta tradução, corrigiu (?) com o seu guarani a grafia de Léry para *hob ij-ar usú*, ao comentar o *Diálogo de Léry*, na revista *Ensaios de Sciéncia*, n.º II, p. 37.

Plínio Ayrosa, em sua restauração na edição brasileira do livro de Léry, na série *Biblioteca Histórica*, emenda por sua vez a correção de Batista Caetano, para *hob-ij-ar-asú*, pelo menos na sua nota 73. Esse *asú*, por *usú*, mostra novamente, que Ayrosa ainda continuava a ignorar as regras do emprêgo de *gŭasú* e *usú*.

A reconstituição de Batista Caetano, já que Ayrosa o copia, e mal, é, sob vários aspectos, indigna da perspicácia que lhe admiramos em tantas outras oportunidades.

Fólha em tupi é *soba*, enquanto permanece naturalmente na sua planta. A *fólha despegada, caída*, é *sogŭera*, como *aba* é o cabelo na cabeça e *agŭera* o cabelo caído ou tirado de qualquer maneira. É por essa razão que *sogŭer-usú* se traduz por *fólha grande caída*, sem haver necessidade do particípio do verbo *cair*, pois o seu sentido se obtém aqui por meio do sufixo do pretérito *ŭera* — o que foi. A leitura superficial das duas gramáticas tupis de Anchieta e Figueira no-lo ensina.

E, portanto, mínima a falha de Staden dentro da sua grafia; simples troca de e por a. Tudo o mais é fantasia, desconhecimento da indole dos dialetos tupi-guaranis e particularmente da gramática tupi.

(29) *Ibidem*; parte I, cap. 49 e 51, pp. 116 e 117. Ocorre no termo *tackwara sutibi* (= *takŭar-usú-tyba*) — *taquaral*, ou mais exatamente, *taquaruçuzal*.

(30) É dos pouquíssimos termos em que, já no tupi, temos a forma *asú* por *usú*, possivelmente para diferenciar o sentido próprio do figurado.

Não pode haver dúvida quanto à etimologia: *tanha, tala* — *dente* e *usú* — *grande*, de onde *tanh-usú, tai-usú* — *dentuço* e daí, por extensão, *taiasú* — (*porco*) *dentuço, porco do mato*. É designação muito antiga, porque a forma se encontra nos principais dialetos.

Citemos aqui, em conexão com a forma *asú*, dois outros termos em que ocorre: *saiasú* ou *sanhasú* é o nome de passarinhos chamados hoje em dia *sanhaçus, sanhaços* e *assanhaços*; *atingasú* é o nome tupi da *gaivota*. Abbeville registra *tingasú* como nome de uma *estrela*.

No tupi existe, portanto, uma furtiva tendência de *usú* para *asú*; porém, generalizar a forma *asú* como se fôra freqüente, é conspurcar o tupi. Nem Anchieta, nem Figueira a ela se referem.

colhidos de intérpretes diversos, dos quais cada qual se referia à região onde estivera atuando, na extensa costa brasileira, freqüentada pelos franceses, havia então meio século.

Não é nos três meses que estêve na Guanabara, atribulado com a situação caótica da colônia de Villegaignon, que poderia ter anotado tudo que nos conta do Brasil nas suas *Singularidades*.

Mais tarde, com o malôgro da *França Antártica* e a perseguição crescente aos contrabandistas franceses, alguns dêsses antigos encarregados de feitorias devem ter voltado à pátria e servido de fontes adicionais a Thevet na elaboração das demais informações, que se acham na *Cosmografia* e nos manuscritos ordenados posteriormente.

Nessas obras aproxima-se de trinta o número dos aumentativos tupi-nambás respigados.

Nos em úasú (= gúasú) que aplica aos oxítonos, só se acha um formado em desacôrdo com as regras tupis. É *morubixá-gúasú* (31) por *morubixab-usú* — *maioral*, de *morubixaba* — *chefe*.

Nos compostos com usú merece ser retificado apenas *pindahousou*, certamente um êrro de transcrição por *pindobusú* (32) e não *pindá-usú* — *anzol grande* (33), como quer Lussagnet, à p. 85, em oposição ao *Vtb.* (34), que ela mostra ter consultado, mas não neste caso.

Aliás, Thevet e Léry têm sido infelizes com os seus tradutores e intérpretores franceses e brasileiros. As explicações referentes ao tupi, no livro *Le Brésil et les Brésiliens, par André Thevet, de Suzanne Lussagnet*, são em grande parte inexatas na forma e não raro também no sentido. Por maior que seja, portanto, o serviço prestado pela reedição dos escritos de Thevet referentes ao Brasil, essa publicação é infeliz, diremos até perigosa e desnorteante pelas suas notas, principalmente para quem dela quiser servir-se lingüísticamente.

Sentimos ter que fazer restrições tão severas, porque, evidentemente, Lussagnet, mal aconselhada, foi vítima da sua boa fé.

Para orientação do leitor prevenimos aqui que as observações relativas a casos específicos virão apostas aos respectivos verbetes a seguir, em notas ao pé das páginas correspondentes.

(31) Thevet escreve *morbichaouassoub* e *morbischia ouassoub*. É improvável que *morubixaba* se houvesse ali definitivamente apocopado.

(32) Veja abaixo a nota 48.

(33) Suzanna Lussagnet fez mal em retificar termos tupis de que nada entende. *Pindá*, sendo palavra oxitona, só admite *gúasú*, como também *paraná* (p. 4), *gáyrá* (p. 50), *caí* (p. 149).

Por outro lado, *morubixá(ba)* (p. 55) e *mboká(ba)* (p. 182) exigem *usú*, tanto no tupi como no guarani; não pode haver tergiversações a êsse respeito. Em todos êsses termos Lussagnet prima sistematicamente por usar a forma errada.

(34) Ali está claramente *pindá-gúasú*, que poderia pelo menos ter alertado a autora, ainda que, como se vê, ignorasse uma das regras mais taxativas, qual a do emprêgo de *gúasú* e *usú* nos dialetos tupis.

A — O termo *gŭasŭ* em Thevet.

Nas «Singularités»:

<i>Grafia de Thevet</i> (35):	<i>O termo tupi em grafia fonêmica:</i>	<i>Tradução:</i>
morbicha ouassoub (p. 121)	— morubixab-usú	— maioral (35A);

Na «Cosmographie» (36):

magata-onassou (p. 53)	— marakaifá-gŭasŭ	— gato do mato (37);
marga ionacsou (p. 69)	— marakaifá-gŭasŭ	— " —
ourah-ouassoub (p. 50)	— gŭyrá-gŭasŭ	— ave grande, ave de rapina (38);
paranagacu (p. 4)	— paraná-gŭasŭ	— Rio da Prata (39);
quomenda-ouassou (p. 87)	— comandá-gŭasŭ	— fava grande;
iassi-tata-ouassou (p. 48, 1)	— iasy-tatá-gŭasŭ	— estrêla grande. estrêla d'alva (40);

Em «Deux Voyages»:

aquirou-ouassou (p. 260)	— ?	— uma tribo (41);
craudou-ouassou (p. 256)	— ?	— um morubixaba (41);
iou-ouassou (p. 260)	— iu-gŭasŭ	— espinho grande, uma montanha (42);
oua-uassou (p. 260)	— ybá-gŭasŭ	— babaçu (43);
oueitaca-ouassou (p. 295)	— gŭaitaká-gŭasŭ	— uma tribo goitacá (44);
tarari-ouassou (p. 260)	— ?	— uma tribo;

(35) A grafia e as páginas são as da edição de Gaffarel; Paris, 1878.

(35A) Na *Cosmographie*, p. 55, ainda se lê *morblschia ouassoub*. Entretanto, mesmo no guarani, a forma simples *mburubixá* corresponde o aumentativo *mburubixab-usú*.

(36) Embora tenhamos à mão para constante confronto a edição original de 1575, indicamos, para maior facilidade dos estudiosos, a respectiva página dos extratos de S. Lussagnet, nos quais estão indicadas as folhas correspondentes à primeira edição.

(37) Ambos os termos arrevessados correspondem indubitavelmente a *marakaifá-gŭasŭ*, como se vê pela definição que os acompanha.(38) Também é citado por Léry (Gaffarel, II, p. 128). *Ourah* deve corresponder a *oyrá*, isto é, *gŭyrá* em nossa grafia.(39) Não vimos ainda em livros guaranis a designação de *Paraná-gŭasŭ* para o Rio da Prata, se bem que se tope a cada momento com expressões como o *Grande Paraná*, que lhe corresponde. No *Vlb.* tem o nome de *Ygŭasŭ*, ou seja *Rio Grande*. Em alguns nomes de rios, *paraná* aparece como sinônimo de *ygŭasŭ*.(40) Parece que *iassi* vem separado do resto da palavra por uma vírgula. Isso impediu Lussagnet e o seu mentor de dar com a verdadeira acepção, que está bem à vista no *Vlb.* pois *iasy-tatá* — fogo da lua é *estrêla* e *iasy-tatá-gŭasŭ* — *estrêla grande, estrêla d'alva*.

(41) Como a primeira parte do termo não passaria de hipótese e de qualquer forma não tenha maior importância, limitamo-nos ao registro.

(42) A julgar pelo nome, deve tratar-se de um pico bastante característico.

(43) Devemos ter aí *oua* por *uŭa* (= *ybá*) — fruto, fruta. A *Uŭa-gŭasŭ* corresponde a forma intermediária *ubá-basŭ*, que, por aférese deu *babasŭ*, termo incorporado ao português do Brasil. Compare no capítulo dedicado a frei d'Abbeville, o verbete *vua-ouassouran*.(44) É tribo muito citada pelos cronistas coloniais na forma *goitacá, guaitacá*. Segundo Thevet compreendiam quatro facções, duas das quais inimigas das outras duas.

taya-uassou (p. 257) — taiá-gúasú — raiz grande de taioba (45);
 toujoujou-ouassou (p. 257) — Tuiuí-gúasú — Tuiuí grande (46);

B — A forma *usú* em Thevet

Nas «Singularités»:

hier-ousou (p. 351) — ? — um ratão (47);
 pinda-housou (p. 181) — pindob-usú — pindoba grande (48);

Na «Cosmographie»:

apir-oupou (p. 69) — tapiir-usú — tapir, anta (49);
 apyr-opsou (p. 37) — tapiir-usú — tapir, anta (49);
 pinda-houssoub (p. 85) — pindob-usú — pindoba grande, pindobuçu (50);
 quaroussoub (p. 225) — ygar-usú — canoa grande, navio (51);
 tapir-ousou (p. 72) — tapiir-usú — tapir, anta (49);

(45) É o nome de um índio.

(46) Nome de um monte.

(47) Conhecemos poucos nomes tupis das cerca de cem espécies de ratos.

(48) Thevet por duas vezes cita o nome deste chefe. *Pinda-housou* é certamente erro de transcrição por *pindob-ousou*. Vários argumentos falam a favor da nossa afirmativa. Em primeiro lugar, Thevet nunca escreve *housou* por *ousou*. Além disso, *pindá* não admite *usú*, mas tão somente *gúasú* (*ouassou*) e todos os outros termos em *usú* (*oussou*) consignados por Thevet são corretos. O que se deu foi erro de cópia ou impressão, troca de o-b por a-h, o que é fácil nas condições precárias em que Thevet escreveu sobre as coisas do Brasil, quando longe dos seus informantes mais habilitados.

O chefe *Pindahoussou* de Thevet deve pois ser o mesmo *Pindobuçu* a que se refere Anchieta, na sua carta de 8 de janeiro de 1565 (*Cartas etc.*, pp. 196-240). Anchieta lhe traduz o nome por *fólha grande de palma*. Entretanto, o *Vib.* em que Anchieta pelo menos colaborou, diz claramente:

«Palma ou palmeira não tem genérico. As espécies são muitas, mas nenhuma se nomeia senão pela fruta, salvo a principal delas com que se cobrem as casas, que se chama *pindoba*; o fruto dela é *inajá*».

E, a seguir, arremata, que o nome das palmeiras, ainda que venha da fruta, também designa a *fólha*, *fibra* e tudo o mais! *Pindoba* compreende, pois, em tupi, tanto a palmeira específica, quanto a sua *fólha*. O mesmo vale para *pindobusú*, uma variedade de *pindoba*, e não apenas uma *pindoba grande*. Por isso, quando Anchieta afirma, p. 204, que *pindobusú* se traduz por *fólha grande de palma*, ainda não estava bem informado e, assim, apenas ensina meia verdade, porque *pindobusú*, em tupi, tem quatro acepções: *pindoba grande*, *fólha grande de pindoba*, a variedade de *pindobuçu* e a *fólha de pindobuçu*.

O morubixaba, a que Thevet e Anchieta se referem, tomou provavelmente o seu nome da palmeira e não da *fólha*, como sugere Anchieta.

Thevet usa tanto *pindó* como *pindoua* (*Cosmographie*, ff. 916 v. e 914 v.) este último, por engano, grafado *pindona*; ambos designam a árvore.

A forma tupi *pindoba* corresponde *pindó* no guarani e entre os tupinambás do Maranhão, segundo d'Abbeville, pela apócope muito freqüente nesses dialetos. Assim sendo, se Montoya diz, que *pindó* significa *palmeira* e *pindoba* se traduz por *fólha de palmeira*, opinião difundida entre nós por Batista Caetano, ou engana-se, ou o segundo dos significados de *pindó*, que é *fólha de pindoba*, já havia caído em desuso no Sul. Para d'Abbeville não houve dúvida; *pindó* era tanto a palmeira (ff. 183 e 186 v.) quando a sua *fólha* (ff. 66, 181 v. e 183).

(49) Temos aí três grafias para *tapir*. Isso mostra novamente que a visível ansia de Thevet por colecionar notícias foi muito maior do que o critério que presidiu à sua análise e coordenação. Ao mesmo tempo essa desordem nos dá uma idéia das dificuldades que aguardam o comentarista, principalmente o da parte lingüística.

(50) Não pode ser *pindá-usú*, como anota Lussagnet, porque *pindá-usú* nunca foi tupi. Veja as notas 3 e 48 deste capítulo.

(51) Eis um termo onde Lussagnet e os seus mentores poderiam ter mostrado pelo menos certa perspicácia, já que em outros trechos maltratam o tupi com tanta desenvoltura. *Quaroussoub* é, pelo que facilmente se deduz do texto, a exlicação *Navio*! — *ygar-usú*!

Em «Deux Voyages»:

Taraonir-oussou (p. 255)	— taragŷyr-usŷ	— lagarto (52);
paraoussou-vots (p. 283)	— porausubora	— coitado (53);

C — A forma *asŷ* em Thevet

Nas «Singularités»:

iacare-absou (p. 162)	— iakaré-gŷasŷ	— jacaré-açu (54);
peno-absou (p. 304)	— nhandy-roba	— andiroba (Carapa guianensis Aubl.) (55);
vebehasou (p. 258)	— ?	— uma árvore muito alta;

Na «Cosmographie»:

soub-assoub (p. 155)	— sy-gŷasŷ	— suaçu, veado (56);
tai-assoub (pp. 4 e 154)	— taiaçŷ	— taiaçŷ, queixada (57);

Em «Deux Voyages»:

iacou-assou (p. 260)	— iakŷ-gŷasŷ	— Jacu-guaçu (58);
sou-assou (p. 260)	— sy-gŷasŷ	— veado, suaçu (59);
boco-apsou (p. 263)	— ?	— um rio (60).

(Continua)

(52) Ocorreu na transcrição da palavra mais uma das freqüentes trocas de u por n. A designação de um acidente geográfico por um termo zoológico é relativamente comum.

(53) O texto não deixou dúvida alguma quanto ao sentido da palavra *paraoussou-vots*, ou seja *paraoussoubo*, que se diferencia da forma tupi tão só pela apócope do sufixo *bora*, aliás desfigurado pela grafia arrevesada de Thevet. Não se trata, pois, de aumentativo, e, se aqui mereceu acolhida, é, como no caso de *che remiac-oussou*, de Léry, para alertar os estudiosos e familiarizá-los com os problemas da reconstituição de textos desfigurados.

(54) A forma de Thevet reaparece no *nheengatu* e fixou-se no português do Brasil.

(55) Identificação de Hoehne (Bot. e Agr., p. 133) e Menezes (Flora da Bahia, pp. 22, 159 e 208, verbete *penaiba*). O interessante é que o termo *andiroba* também nos veio do tupi: *nhandy* — óleo e *roba* — amargo, que, além da meliácia acima, deu o nome a uma cucurbitácea, como vemos em Marcgrave. Encontram-se as formas *andiroba*, *jandiroba*, *nandiroba* e *nhandiroba* ainda com outras acepções locais.

(56) Thevet traz a mesma palavra em *Deux Voyages*, na grafia de *souassou*. A forma primitiva deve ter sido a do Vlb., pois dela decorrem naturalmente as outras. Entretanto, ao lado dela usou-se desde cedo a forma secundária *suasŷ*, que já se encontra em Cardim e Gabriel Soares. A transformação do y em u é relativamente comum no próprio tupi clássico. No brasileiro, *suasŷ* se fixou definitivamente e assim se incorporou ao português. No guarani, o vocábulo ficou reduzido, por aférese, a *gŷasŷ*. O desenvolvimento dialetal do velho termo *sygŷasŷ* > *sugŷasŷ* > *suasŷ* mostra, claramente, que nada tem que ver etimologicamente com *soó-asŷ* — caça grande.

(57) A forma *taiasŷ* encontra-se nos principais dialetos tupi-guaranis. Veja a nota 30 do capítulo dedicado a João Staden.

(58) Própriamente a *Penelope* obscura. Aqui o nome é dado a um monte.

(59) Veja a nota 56 deste capítulo.

(60) Certas palavras avulsas de Thevet são inidentificáveis na forma transmitida.